

## A ORAÇÃO E A TRINDADE

No nosso caminho de catequese sobre a oração, hoje e na próxima semana, queremos ver como, graças a Jesus Cristo, a oração nos abre à Trindade – ao Pai, ao Filho e ao Espírito – ao imenso mar de Deus que é Amor. Foi Jesus que nos abriu o Céu e nos projetou para uma relação com Deus. Foi ele que fez isto: abriu-nos para aquela relação com o Deus Trino: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. É isto que o apóstolo João afirma na conclusão do prólogo do seu Evangelho: “Ninguém jamais viu a Deus: o Filho único, que está no seio do Pai, é que o deu a conhecer”.<sup>145</sup> Jesus revelou-nos a identidade, a identidade de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo.

Realmente não sabíamos como se pudesse rezar: quais palavras, quais sentimentos e que linguagem eram apropriados para Deus. Naquele pedido dirigido pelos discípulos ao Mestre, que temos recordado frequentemente no decurso destas catequese, há toda a hesitação do homem, as suas repetidas tentativas, muitas vezes infrutíferas, de se dirigir ao Criador: “Senhor, ensina-nos a rezar”.<sup>146</sup>

Nem todas as orações são iguais, nem todas são convenientes: a própria Bíblia atesta o mau resultado de muitas orações, que são rejeitadas. Talvez por vezes Deus não esteja satisfeito com as nossas orações e nós nem sequer nos apercebemos disso. Deus olha para as mãos daqueles que rezam: para as purificar não é necessário lavá-las, quando muito é preciso abster-se de ações malignas.

São Francisco rezava: “*Nullu homo ène dignu te mentovare*”, ou seja, “homem algum é digno de te nomear”.<sup>147</sup>

Mas talvez o reconhecimento mais tocante da pobreza da nossa oração tenha vindo dos lábios do centurião romano que um dia implorou Jesus que curasse o seu servo doente.<sup>148</sup> Sentia-se totalmente inadequado: não era judeu, era um oficial do odiado exército de ocupação. Mas a preocupação pelo servo fá-lo ousar, e diz: “Senhor... eu não sou digno que entres debaixo do meu teto, mas diz uma só palavra e o meu servo será curado”.<sup>149</sup> É a frase que também repetimos em todas as liturgias eucarísticas. Dialogar com Deus é uma graça: não somos dignos dela, não temos o direito de a reivindicar, “coxeamos” com cada palavra e pensamento... Mas Jesus é a porta que nos abre para este diálogo com Deus.

Por que deveria o homem ser amado por Deus? Não há razões óbvias, não há proporção... A ponto que, em grande parte das mitologias, não se contempla o caso de um deus que se preocupe com as vicissitudes humanas; pelo contrário, elas são incômodas e tediosas, completamente insignificantes. Recordemos a frase de Deus ao seu povo, repetida no Deuterónimo: “Pensa, que povo tem os seus deuses tão próximos dele, como vós tendes a mim próximo de vós”. Esta proximidade de Deus é a revelação! Alguns filósofos dizem que Deus só pode pensar em si mesmo.

No máximo, somos nós, humanos, que procuramos conquistar a divindade e ser agradáveis aos seus olhos. Disto brota o dever de “religião”, com o corolário de sacrifícios e devoções a oferecer continuamente para ter como aliado um Deus mudo, um Deus indiferente. Não há diálogo. Jesus estava sozinho, só havia a revelação de Deus a Moisés antes de Jesus, quando Deus se apresentou; só a Bíblia que nos abriu o caminho do diálogo com

Deus. Recordemos: “Que povo tem os seus deuses tão próximos dele, como tu tens a mim próximo de ti?”. Esta proximidade de Deus abre-nos ao diálogo com Ele.

Um Deus que ama o homem, nunca teríamos tido a coragem de acreditar nisto se não tivéssemos conhecido Jesus. O conhecimento de Jesus fez-nos compreender isto, no-lo revelou. É o escândalo que encontramos esculpido na parábola do pai misericordioso, ou na do pastor que vai em busca da ovelha perdida.<sup>150</sup> Histórias como estas não poderiam ter sido concebidas, nem sequer compreendidas, se não tivéssemos encontrado Jesus. Qual Deus está disposto a morrer pelas pessoas? Qual Deus ama sempre e pacientemente, sem pretender por sua vez ser amado? Qual Deus aceita a tremenda falta de gratidão de um ilho que pede antecipadamente a sua herança e sai de casa esbanjando tudo?<sup>151</sup>

É Jesus quem revela o coração de Deus. Assim Jesus diz-nos com a sua vida até que ponto Deus é Pai. *Tam Pater nemo*: ninguém é pai como ele. A paternidade que é proximidade, compaixão e ternura. Não esqueçamos estas três palavras que são o estilo de Deus: proximidade, compaixão e ternura. É o modo de manifestar a sua paternidade para connosco. É difícil para nós imaginar de longe o amor com que a Santíssima Trindade está repleta, e que abismo de benevolência recíproca existe entre Pai, Filho e Espírito Santo. Os ícones orientais deixam-nos intuir algo deste mistério que é a origem e a alegria de todo o universo.

Acima de tudo, tínhamos dificuldade de acreditar que este amor divino se dilatasse, chegando até o humano: somos o termo de um amor que não encontra igual na terra. O *Catecismo* explica: “A santa humanidade de Jesus é, pois, o caminho pelo qual o Espírito Santo nos ensina a orar a Deus nosso Pai”.<sup>152</sup> Esta é a

graça da nossa fé. Verdadeiramente não podíamos esperar uma vocação mais excelsa: a humanidade de Jesus – Deus fez-se próximo em Jesus – pôs à nossa disposição a própria vida da Trindade, abriu, escancarou esta porta do mistério do amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

*Audiência geral de 3 de março de 2021*

Continuação ...

Hoje contemplamos a catequese sobre a oração como relação com a Santíssima Trindade, em particular com o Espírito Santo.

O primeiro dom de cada existência cristã é o Espírito Santo. Não é um dos muitos dons, mas *o Dom* fundamental. O Espírito é o dom que Jesus prometeu enviar-nos. Sem o Espírito, não há relação com Cristo e com o Pai. Porque o Espírito abre o nosso coração à presença de Deus e atrai-o para aquele “vórtice” de amor que é o coração do próprio Deus. Não somos apenas hóspedes e peregrinos no caminho sobre esta terra, somos também hóspedes e peregrinos no mistério da Trindade. Somos como Abraão, que um dia, acolhendo três caminantes na sua tenda, encontrou Deus.

Se realmente podemos invocar Deus chamando-o “Abbá-Pai”, é porque o Espírito Santo habita em nós; é ele que nos transforma profundamente e nos faz experimentar a alegria comovente de sermos amados por Deus como verdadeiros filhos. Todo o trabalho espiritual dentro de nós rumo a Deus é realizado pelo Espírito Santo, este dom. Ele trabalha em nós para levar adiante a nossa vida cristã rumo ao Pai, com Jesus.

A este propósito, o Catecismo diz: “Todas as vezes que começamos a orar a Jesus, é o Espírito Santo que, pela sua graça

preveniente, nos atrai para o caminho da oração. Uma vez que ele nos ensina a orar lembrando-nos Cristo, como orar-lhe a ele próprio? A Igreja convida-nos, pois, a implorar cada dia o Espírito Santo, especialmente no princípio e no fim de qualquer ato importante”.<sup>153</sup> Esta é a obra do Espírito em nós. Ele “recorda-nos” Jesus e torna-o presente a nós – podemos dizer que é a nossa memória trinitária, é a memória de Deus em nós – e fá-lo presente a Jesus, para que não seja reduzido a um personagem do passado: isto é, o Espírito traz Jesus ao presente na nossa consciência. Se Cristo estivesse apenas distante no tempo, estaríamos sozinhos e desorientados no mundo. Sim, recordaremos Jesus, lá, distante, mas é o Espírito que o traz hoje, agora, neste momento, ao nosso coração. Mas no Espírito tudo é vivificado: a possibilidade de encontrar Cristo está aberta aos cristãos de todos os tempos e lugares. Está aberta a possibilidade de encontrar Cristo não só como um personagem histórico. Não: ele atrai Cristo aos nossos corações, é o Espírito que nos faz encontrar com Cristo. Ele não está distante, o Espírito está connosco: Jesus ainda educa os seus discípulos transformando os seus corações, como fez com Pedro, com Paulo, com Maria de Magdala, com todos os apóstolos. Mas por que está presente Jesus? Porque é o Espírito que o traz a nós.

Foi a experiência que tantos orantes viveram: homens e mulheres que o Espírito Santo formou segundo a “medida” de Cristo, na misericórdia, no serviço, na oração, na catequese... É uma graça poder encontrar pessoas assim: percebe-se que nelas pulsa uma vida diferente, o seu olhar vê “além”. Não pensemos apenas em monges e eremitas; também os encontramos entre pessoas comuns, pessoas que teceram uma longa história de diálogo com Deus, em momentos de luta interior, que purificaram a fé. Estas humildes testemunhas procuraram Deus no Evangelho, na

Eucaristia recebida e adorada, no rosto do irmão em di iculdade, e conservam a sua presença como um fogo secreto.

A primeira tarefa dos cristãos é precisamente manter vivo este fogo, que Jesus trouxe à terra,<sup>154</sup> e qual é este fogo? É o amor, o Amor de Deus, o Espírito Santo. Sem o fogo do Espírito, as profecias extinguem-se, a tristeza suplanta a alegria, o hábito substitui o amor, o serviço transforma-se em escravidão. Vem-me à mente a imagem da lâmpada acesa ao lado do tabernáculo onde se conserva a Eucaristia. Até quando a igreja está vazia e a noite cai, quando a igreja está fechada, aquela lâmpada permanece acesa, continua a arder: ninguém a vê, mas arde perante o Senhor. Também o Espírito no nosso coração está sempre presente como aquela lâmpada.

Encontramos novamente escrito no *Catecismo*: “O Espírito Santo, cuja unção impregna todo o nosso ser, é o mestre interior da oração cristã. É o artífice da tradição viva da oração. Há, é certo, tantos caminhos na oração como orantes; mas é o mesmo Espírito que age em todos e com todos. É na comunhão do Espírito Santo que a oração cristã é oração na Igreja”.<sup>155</sup> Muitas vezes acontece que não rezamos, não nos apetece rezar ou às vezes rezamos como papagaios com a boca, mas o coração está ausente. Este é o momento de dizer ao Espírito: “Venha, venha Espírito Santo, aqueça o meu coração. Venha ensinar-me a rezar, ensinar-me a olhar para o Pai, a olhar para o Filho. Ensine-me como é o caminho da fé. Ensine-me a amar, e acima de tudo ensine-me a ter uma atitude de esperança”. Trata-se de chamar continuamente o Espírito, para que esteja presente na nossa vida.

Portanto, é o Espírito que escreve a história da Igreja e do mundo. Nós somos páginas abertas, disponíveis para receber a sua

caligrafia. E, em cada um de nós, o Espírito compõe obras originais, porque nunca há um cristão que seja completamente idêntico a outro. No campo infinito da santidade, o único Deus, Trindade de Amor, faz florescer a variedade das testemunhas: todas iguais em dignidade, mas também únicas na beleza que o Espírito quis conferir a cada um daqueles a quem a misericórdia de Deus tornou seus filhos. Não esqueçamos, o Espírito está presente, está presente em nós. Ouçamos o Espírito, chamemos o Espírito – é o dom, o dom que Deus nos deu – e digamos-lhe: “Espírito Santo, não sei como é o teu rosto – não o sabemos – mas sei que és a força, és a luz, és capaz de me fazer ir em frente e de me ensinar a rezar. Vem Espírito Santo”. Esta é uma bonita oração, “Vem, Espírito Santo”.

*Audiência geral 17 de março de 2021*

## CAPÍTULO 24

145 Jo 1,18.

146 Lc 11,1.

147 *Cântico do Irmão Sol*.

148 Cf. Mt 8,5-13.

149 Mt 8,8.

150 Cf. Lc 15.

151 Cf. Lc 15,12-13.

152 *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2664.

153 *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2670.

154 Cf. Lc 12,49.

155 *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2672.

## CAPÍTULO 25

156 Cf *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2674.

157 Cf. At 4,12.

158 Cf *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2674.

159 Cf. Jo 2,1-12.

160 Cf *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2676ss..